



3860 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MENINO PODE BRINCAR DE BONECA? A BONECA NAS BRINCADEIRAS ESCOLARES: PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES
Francisca Jocineide da Costa E Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Adenilda Bertoldo Alves de Moraes - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MENINO PODE BRINCAR DE BONECA? A BONECA NAS BRINCADEIRAS ESCOLARES: PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES

Apresentam-se as percepções de pais e mães sobre a brincadeira com bonecas por meninos. Realizou-se atividade com famílias durante uma reunião em uma Instituição de Educação Infantil. Verificaram-se quatro posicionamentos: autorização da brincadeira para o prazer; aceitação da brincadeira reforçando uma forma de masculinidade; autorização para não crescerem com preconceitos; e negação para não fugirem às normas heterossexuais.

Palavras-chave: Meninos. Bonecas. Pais e mães. Educação Infantil.

MENINO PODE BRINCAR DE BONECA? A BONECA NAS BRINCADEIRAS ESCOLARES: PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES

Introdução

Gênero é a primeira aprendizagem estabelecida no início da vida. A criança já se insere na família com demarcação de enxoval, decoração de quarto, nomes, brinquedos, utensílios, vestes e expectativas futuras de acordo com seu sexo biológico e na perspectiva binária e dicotômica de gênero (PAECHTER, 2009). Essa demarcação muitas vezes é levada à escola e lá reforçada, na separação das crianças durante as atividades, brincadeiras, banhos, filas etc.

Como primeiro marcador social, gênero é uma construção pedagógica, individual e coletiva, relacional, produzida nos processos culturais, sociais, políticos, econômicos, e ancorada em relações de poder diversas e interseccionadas. Tem base no binarismo, que considera a existência apenas de dois polos – macho e fêmea – e na dicotomia, que determina características e papéis únicos exclusivos de masculinidade e feminilidade (SCOTT, 1995; BOURDIEU, 2002; CARVALHO, 2004). Mas, essa construção cultural pode ser contestada e modificada convergindo para aprendizagens de masculinidade e feminilidade diversas e equânimes.

As crianças constroem suas identidades de gênero na Educação Infantil por meio da relação com seus pares e adultos, pelas brincadeiras e uso dos brinquedos, pelas orientações docentes, nas diversas atividades, no uso dos espaços e nos discursos que circulam no ambiente. Portanto, essas construções ocorrem em todo o fazer pedagógico, dando ou não continuidade aos processos iniciados nas famílias.

Sendo as bonecas um dos brinquedos encontrados nas escolas infantis, este texto apresenta as percepções de pais e mães acerca da brincadeira com bonecas, especialmente por meninos. Realizou-se uma atividade com famílias durante uma “reunião de pais” em uma Instituição de Educação Infantil (IEI) da rede municipal de uma capital do nordeste brasileiro, em que pais e mães analisaram quatro situações fictícias. Apenas doze pessoas estavam presentes na reunião (três pais e nove mães). Formaram-se quatro grupos com três pessoas, e cada grupo analisou uma situação diferente. A situação destacada neste texto foi a que gerou mais discussão e dados por ser culturalmente conflituosa: *Um grupo de meninas brinca de boneca em um canto do pátio e um menino pede para participar da brincadeira*

Após a discussão no grupo pequeno, cada grupo apresentou sua situação ao grupo maior. As opiniões expostas no grupo geral foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas com base na análise de conteúdo (BARDIN, 2011), que possibilita fazer inferências sobre um contexto a partir da mensagem exposta. Elaborou-se um quadro em que foram colocadas e analisadas as falas de pais e mães referentes a cada situação. A seguir apresentam-se os resultados da atividade com o recorte da situação destacada.

“Duvido que um pai queira ver o seu filho brincando de boneca!”

A brincadeira é a principal atividade da criança nos primeiros anos de vida. Além do divertimento, é também uma forma de aprendizagem, comunicação, interação e expressão. Possibilita a vivência da realidade, e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, físicas/motoras e sociais.

Os brinquedos, artefatos culturais e pedagógicos (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003), são os principais recursos para a realização da brincadeira e, dentre eles, a boneca é o mais comum por ser uma representação dos seres humanos, porém destinada culturalmente às meninas, pois contribui com a aprendizagem dos cuidados com o outro e da maternidade. O uso pelos meninos é permitido e aceito culturalmente quando se trata de boneco (masculino), de representação de super-heróis, ou ao assumir o papel de pai da boneca na brincadeira.

A família é quem primeiro propicia o ambiente para a brincadeira (KISHIMOTO, ONO, 2008), por meio da qual as crianças aprendem e constroem a identidade de gênero. Nesse sentido, é comum a demarcação de gênero nos brinquedos para a criança, pois já é escolhido e imposto o que é culturalmente adequado, próprio e autorizado para meninos e para meninas.

Retomando a situação escolhida – *Um grupo de meninas brinca de boneca em um canto do pátio e um menino pede para participar da brincadeira* – apresentam-se os posicionamentos das famílias. A primeira mãe a comentar a situação em análise, a mais jovem do grupo, informou que autorizaria o menino a brincar com boneca:

Poderia. Não é difícil essas coisas acontecerem. Isso quando acontece, eu como eu sou mais de mente aberta, levo as coisas numa boa. Pra mim tanto faz. Deixa o bichinho brincar, num tá feliz? (Mãe 1).

Para essa mãe, a felicidade que a brincadeira produz é mais importante do que as possíveis construções identitárias. Mas ela explica que é “mente aberta” e autoriza porque entende que não há problema em seu filho brincar com bonecas, diferente de um posicionamento conservador, para o qual a brincadeira se tornaria um problema.

Junges e Schwertner (2017) identificaram em pesquisa com o uso de bonecas por meninos que estes, muitas vezes, estão preocupados apenas com a diversão que o brinquedo pode proporcionar, com o lúdico. O brinquedo é apenas o meio para a diversão, e são os adultos que se manifestam diante da situação, para controlar os corpos e identidades de meninos e meninas. Também identificaram meninos que se recusaram a brincar com a boneca porque aprenderam que se transformariam em menina.

O posicionamento da segunda mãe representa a construção binária de gênero:

O meu sobrinho brinca de boneca com a minha menina só que é mamãe e papai. Ele é o papai e ela é a mamãe (Mãe 2).

Eliot (2013) identificou em estudos a reação de pais e mães na escolha dos brinquedos pelas crianças: “os pais [pai e mãe] respondem mais positivamente quando a criança escolhe um brinquedo adequado ao seu gênero [...]. E é mais provável que fiquem arrepiados quando a criança brinca com o tipo ‘errado’ de brinquedo” (p. 134). Para a Mãe 2 não há problema em o sobrinho brincar com a boneca porque é de forma considerada aceitável, desempenhando o papel social de pai, o que não é um problema, mas se ele estivesse brincando sozinho ou desempenhando outro papel é possível que a brincadeira não fosse permitida.

Três mães argumentaram contra a construção de preconceitos desde a infância e que brincar de boneca não determina a identidade sexual:

Se a gente começar a discriminar, vamos criar nossos filhos discriminando. É um preconceito como o da cor (Mãe 3)

O preconceito já vem de pequeno, né? (Mãe 4)

Acho que não é isso que vai fazer a criança mudar de sexo (Mãe 5)

Os brinquedos e brincadeiras contribuem para as construções de gênero e outras identidades, porém as brincadeiras podem ser mais ou menos livres ou cerceadas. As mães acima indicaram que é preciso deixar meninos brincarem com bonecas para que não cresçam com preconceitos e tabus. Eliot (2013, p. 155) alerta pais e mães de meninos sobre outras aprendizagens que a brincadeira com boneca: “reforça habilidades sociais e emocionais: cuidar de outras pessoas, levar em conta suas necessidades e atendê-las, bem como perceber o que elas estão sentindo. Em resumo, esse tipo de brincadeira estimula o desenvolvimento da empatia”. São aprendizagens para os seres humanos, e não apenas destinadas a um gênero, e que contribuem para uma convivência harmoniosa.

As Mães 6 e 7 se posicionaram em relação ao que o pai da criança pensaria:

Duvido que um pai queira ver seu filho brincando de boneca (Mãe 6).

Meu esposo mesmo briga! Eu mesma briguei, entre aspas, porque um dia ele falou: “mãe eu quero a Barbie” aí eu... pronto... “negócio de...” falou o nome da boneca sussurrando porque o menino estava perto, em seguida ri. Só que foi ano passado, ele era menorzinho, aí eu digo: “não vai brincar de boneca não” (Mãe 7).

As duas mães apresentaram o argumento, comum na cultura patriarcal, androcêntrica e heterossexista, de que um pai quer que seu filho aprenda características ditas masculinas, e, culturalmente a brincadeira com boneca é destinada às meninas para aprenderem sobre o cuidado e maternagem, portanto, isso não faz parte da cultura masculina. Ambas atribuíram toda a autoridade de decisão sobre o tipo de brinquedo ao pai, mesmo a Mãe 7, já sabendo que o esposo brigaria, ela toma a decisão de não autorizar seu filho a brincar com boneca.

Eliot (2013, p. 134) destaca que “os pais (homens) reagem mais fortemente que as mães, especialmente quando veem o filho em alguma brincadeira tipicamente feminina. [...] Os próprios meninos verbalizam que o pai acharia ‘ruim’ se eles brincassem com brinquedos de menina [...]”. Destaca-se que a situação analisada foi a única em que nenhum dos três pais presentes expôs suas opiniões, mesmo com muita insistência direta a eles, apenas as mães falaram. Por que o silêncio nessa situação?

É preciso considerar que os posicionamentos das mães e dos pais – o silêncio é uma forma de posicionamento – são embasados em suas experiências, culturalmente construídas na heteronormatividade. Na discussão de outras situações que enfocavam meninas, os pais se posicionaram favoravelmente à transgressão de gênero por elas, por exemplo, na participação no futebol. Evidenciaram-se nas falas pequenas mudanças culturais quanto ao que ensinam a seus filhos e filhas, embora predominem ainda construções binárias e dicotômicas

de gênero.

Considerações finais

Este texto objetivou identificar as percepções de pais e mães acerca da brincadeira com bonecas, especialmente por meninos. Verificaram-se quatro posicionamentos: a autorização da brincadeira com bonecas por meninos com o fim de satisfação e prazer da criança; a aceitação da brincadeira desde que reforce uma forma de masculinidade; a autorização com o objetivo de meninos não crescerem com preconceitos; e a negação para não fugirem às normas heterossexuais.

A hipótese sobre o silenciamento dos pais na situação analisada é que a brincadeira com boneca é especialmente temida por ser entendida como uma ameaça ao desenvolvimento futuro da identidade heterossexual dos meninos. Essa ameaça tanto indica desvalorização das características de feminilidade, quanto afronta à norma heterossexual. As pesquisas indicam que devido ao controle que meninos sofrem em casa e nas IEI, ao tentarem brincar com bonecas, eles buscam vivenciar a experiência de forma justificada e aceita pelo grupo para se enquadrarem às normas binárias de gênero e para se divertirem (JUNGES, SCHWERTNER, 2017; KISHIMOTO, ONO, 2008).

Recentemente um candidato à presidência da república, conhecido pelos seus posicionamentos intolerantes e reacionários, em um debate televisivo afirmou: "Não pode o pai chegar em casa, encontrar o Joãozinho de seis anos de idade, brincando de boneca por influência da escola". Essa é uma acusação que a escola vem recebendo ultimamente: de ensinar "ideologia de gênero", quando de fato deveria ensinar igualdade de gênero, por exemplo, quando propicia que meninos brinquem de boneca. Segundo Louro (2014), a escola, comumente, controla os corpos e impõe a heteronormatividade, por meio do currículo, das práticas e dos discursos.

As falas das mães aqui apresentadas indicam que, desde cedo, são os adultos que determinam o que e como meninos e meninas devem ou não brincar, em casa e na escola, com maior ou menor liberdade e/ou transgressão às normas de gênero. Estes e estas desenvolvem interesse por aquilo que lhes é oferecido sutil ou diretamente, são vigiados/as e, ao transgredirem, são muitas vezes podados/as, como se viu nas falas das mães.

O diálogo entre família e escola, portanto, está na ordem do dia, e as "reuniões de pais" são um momento propício para explorar questões como o aprendizado de gênero através das brincadeiras ilustrados nos quatros posicionamentos apontados acima, bem como para estabelecer acordos entre educadores/as das duas instituições.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70. São Paulo, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2002. Tradução: Maria Helena Kühner.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de pesquisa**. S/L, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v34n121/a03n121.pdf> Acesso em 16/01/2017.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 36-61, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03> Acesso em 18/08/2018.
- ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa**: o impacto das diferenças de gênero na educação. Penso. Porto Alegre, 2013. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese.
- JUNGES, Rafaela; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 262-282, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n1p262> Acesso em 03/08/2018.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-posições**, v. 19, n. 3 (57), p. 209-223, set./dez., 2008. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a11.pdf> Acesso em 03/08/2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes 6 ed. Petrópolis, 2014.
- PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Artmed. Porto Alegre, 2009. Tradução: Rita Terezinha Shmidt.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.1995. Disponível em: https://ia801403.us.archive.org/9/items/scott_gender/scott_gender.pdf Acesso em 15/01/2017.